



# Gaiato

19 DE FEVEREIRO DE 1972  
ANO XXVIII — N.º 729 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



O Faustino — entre nós era o Alentejano — morreu, vítima de um acidente brutal que o roubou à nossa companhia. Tinha 16 anos.

Quando Pai Américo saboreou pela primeira vez esta sua dor de pai escreveu: — «Acendeu-se no Céu uma Luz. Temos junto de Deus um intercessor». É a mesma presença que sentimos! O Senhor veio à nossa numerosa e variada família, escolheu um e levou-o para o Seu Seio. O Alentejano tornou-se assim mais perto de todos nós e mais comum a todos. É do Pai. Por isso de toda a família. A sua inesperada morte feriu profundamente a sensibilidade de cada rapaz — não houve um que não sentisse — mas atingiu mais ainda a consciência de todos. Assim sentimos o bafo de Deus!

O mistério da morte apresentou-se-nos como uma forte chamada à Vida. Irrompeu violenta e inesperadamente a sacudir-nos para ouvir melhor e realizar mais perfeitamente a «Palavra da Vida».

A sangrar de dor, damos graças a Deus por este dom.

O Alentejano foi vítima imolada por todos nós, para nossa purificação, a chamar-nos com a sua morte à realidade da vida.



A consolar-nos veio uma Pobre, que muito tem sofrido e ensinado a sofrer nestes últimos meses: — Um calvário corajoso e alegremente vivido.

A despedida deixou-me no aperto de mão uma nota de mil enrolada. Eu não senti quanto; senti que ela não podia dar. Recalcitrei: — Você que tanta falta tem, está a dar-me? Não aceito.

— Aceite.

— Não aceito, pois sei que muito precisa.

Nisto volta-se para mim com profunda sabedoria de Pobre: «Ai de mim quando não precisar».

Aceite a dádiva e muito mais ainda a lição.

Ai!... que se o mundo o subbesse não vivia tão entorpecido e tão triste. Mas esta sabedoria só é dada aos Pobres! Por isso é d'eles o Reino dos Céus! O mundo quer a segurança e a independência. Hoje toda a gente quer ser independente! E quanto mais independente o

Cont. na SEGUNDA página

## Aqui Lisboa

Gostaríamos de ter cada vez mais respeito pela dignidade dos Pobres e de acorrer, na medida do possível, aos casos e circunstâncias mais urgentes. Temos, porém, uma sensibilidade extra para a chamada «pobreza envergonhada». A experiência diz-nos que esta é mais vulgar do que parece, mas nem sempre facilmente detectável. Não esqueçamos a Senhora X, que julgamos já na eternidade, neta de um professor catedrático e de um general, filha e irmã de dois oficiais superiores do Exército, que vivia de uma pequena pensão.

Doente física e psiquicamente, sofrendo daquilo que poderíamos designar por «felinopatia», passava muitos dias quase sem comer, encerrada no andar, de renda antiga, que herdara de seus pais. A luz havia sido cortada e as pratas e os objectos de maior valor vendidos ou penhorados; alguns móveis vãos e bolorentos ainda atestavam do que tinha sido abundância e, pelo menos, certo esplendor; o cheiro a urina de gato e o bafo de casa sempre hermética constituíam o grande sacrifício de quem a procurou visitar. Os seus modos deli-

## Malanje

Uma imagem plena de universalidade, nas Casas do Gaiato: este grupo de Malanje (na era das progressivas tecnologias!) às voltas com a padiola — que ainda é remédio para muitos males...

cados e distintos, para lá do horror que tinha a que as outras pessoas soubessem do seu estado, são facetas que jamais se apagarão do nosso espírito. Contactados três sobrinhos, formados e lançados na vida, só um respondeu com as ofertas das amostras clínicas do seu consultório...

Qual a razão destas palavras? Preocupados com um caso concreto de alguém que conhecemos com suficiente abastança mas supomos estar presentemente com grandes dificuldades materiais, precisamente quando doença grave lhe bateu à porta. Lembrámo-nos de alertar os nossos leitores para possíveis dramas — que se desenrolem à volta, no mesmo prédio, quiçá na própria família. Amemo-nos de verdade e apuremos a nossa sensibilidade. Com discreção e delicadeza façamos sentir a fraternidade de Cristo.

x x x

Com a abertura das nossas Casas em África tornou-se corrente a troca de correspondên-

Cont. na SEGUNDA página

## FESTAS

Estamos a poucos dias da arrancada! Os trabalhos preparatórios — na fase final — reflectem-se em cheio na vida comunitária. Só quem nos conhece por dentro poderá avaliar das alterações que suporta a nossa vida: das escolas às oficinas, passando pelos serviços domésticos...

No fim de contas, quase um terço do dia se concentra (e não é demais...) às voltas com ensaios! Não falando já das naturais — e necessárias — consequências da revolução cultural em acção!

Se na alfaiataria há queixumes, que di-

zer da tipografia e jornal? E da carpintaria e serralharia?

Como poderiam os melhores técnicos de gestão conseguir nesta emergência, uma eficácia normal em cada um dos departamentos atingidos pela sangria festiva, excluindo outras que são próprias da natureza específica da nossa Obra?...

São muitas as dores do parto! Juntas à excessiva sobrecarga sobre os mais responsáveis — da parte artística à parte de organização e relações públicas.

Estava para aqui a sofrer... e resolvi

chegar-me para mais perto do «Tomate» — um dos «artistas». Ele é um Rapaz alegre e extrovertido.

Concordou com as dores. E fomos mais longe!

— Como encaras a tua participação no elenco?

— Gosto de participar porque ajuda o meu desenvolvimento cultural.

— E do ponto de vista de trabalho em conjunto, do vosso trabalho em equipa?

— No trabalho em grupo — o nosso trabalho — não há dúvida, fazemos todos o trabalho de um...

— Certo...

Cont. na SEGUNDA página

ALGERUZ (Setúbal) \* BEIRE (Paredes — Douro) \* BENGUELA (Angola) \* Cumeada — COIMBRA \* R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c D.to — Lisboa \* MALANJE (Angola) MIRANDA DO CORVO \* PACO DE SOUSA \* Rua D. João IV, 682 — PORTO \* SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço Marques) \* SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) \* Largo das Areias — SETÚBAL



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

*E os cronistas?! —* Como nenhum dos nossos se preocupa em escrever para o nosso Jornal, Júlio mais uma vez me encarregou de o fazer. E não me aborreo; quanto mais escrever, mais enriqueço o meu português.

Aqui há dias Sr. Padre Carlos mandou um bilhete: «Júlio, põe aí um cronista a escrever a crónica». Ele não esteve com meias medidas, chamou-me logo. Como vêem, não me largam quase todas as quinzenas!

*Hospital* — As obras estão quase no seu termo. Esperamos que dentro em breve já possa acolher nele alguns dos nossos doentes, porque a temível «papeira», que estava quase a desaparecer, voltou a vitimar mais alguns. Estamos em crer que será desta que ela vai de vez.

*Casamento* — Já no último número do nosso Jornal falei sobre o casa-



Nelo e Marília — um dos últimos a casar.

mento do nosso Alberto. Decorreu como de costume, mas houve um acidente que nos perturbou imenso a vida — uma fâsca caiu sobre a nossa cabine eléctrica e deixou sem luz

o dia de sábado quase todo. Quem sofreu mais com isso foram os nossos cozinheiros, que, tiveram de fazer o serviço à luz da vela!

*Catequese* — Os nossos mais pequenos têm tido Catequese duas ou três vezes por semana. Há dias estive um pouco ao pé deles, quando recebiam as lições. E vi que estavam muito entusiasmados. Sinal de bom aproveitamento moral dos nossos mais pequeninos.

Luis Nunes Marques

# FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

— E isso traz como vantagem conhecermo-nos ainda melhor uns aos outros; e beneficiar o elenco, ano após ano, de êxitos cada vez maiores.

## Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

mundo se sentir, menos capacidade e oportunidade tem de crescer no amor.

Como me soube bem a companhia dos vizinhos da Casa do Gaiato e do Lar durante as horas em que velámos o Faustino! Como senti o meu coração enfeitar-se com os ramos de flores que deram beleza e dignidade ao seu cadáver!

Como me confortara a oração dos amigos (poucos souberam) em uníssono conosco ao Pai comum.

A morte do Faustino abriu-me muito mais a capacidade de amar! Graças a Deus!

Padre Aclio



— O nosso Público, os nossos Amigos, participam activamente. Como avalias essa participação?

— Em dois sentidos. Primeiro: gostam — e muito — de nos ver actuar; segundo: porque têm por nós grande amizade, as duas horas do programa — seja onde for, de Aveiro ao Porto e Monção! — dão motivo a manifestações de ternura e carinho, sobretudo pelos mais pequeninos, indispensáveis à nossa formação...

Parei. E olhei para o «Tomate», com um leve sorriso estampado no rosto.

Ele disse muito. Quase tudo. Frizou um pormenor de grande valia, que nos parece estar a amadurecer eficazmente na alma dos mais velhos: — os resultados de ordem moral, social e cultural que todos poderemos colher nestas andanças: festeiras, quando a alma não é pequena.

x x x

Lembramos os Amigos das respectivas terras e arredores que, durante a próxima quinzena, a nossa FESTA será em: PENAFIEL — 25 de Fevereiro AMARANTE — 29 » » PORTO — 2 de Março todas às 21,30 h., precisas.

letra muito conhecida. E, finalmente, 300\$ «com a amizade de sempre»; são do Seixal.

Os donativos devem ser enviados em nome da Conferência de Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Noticias da Conferência do LAR do PORTO

Fizemos seguir pelo correio algumas cartas circulares para recolha de fundos para a consoda dos nossos irmãos. Nem todos se fizeram despercebidos e tivemos assim:

De Cruz Sousa Barbosa, 100\$; do Banco Pinto de Magalhães e do Banco Borges & Irmão, 60\$; Banco Totta & Açores, 150\$; da Casa da Sorte, 50\$; de F. Fernandes Guimarães, 50\$; de José Ferreira Botelho, 50\$; da Casa S. José, 20\$; da Sapataria Guida, 20\$; de Moura & Fontes, 10\$; da Soc. Nac. de Glicerinas, 10\$; da Soc. de Cristais, 20\$; de Pedro Rios, 50\$; da Sical, 50\$; da Porto Editora, 20\$; da Drogaria Moura, 50\$; do Café Porto, 2\$50; de Araújo & Sobrinho, 50\$. E ainda uma carta com 40\$00, acompanhada dum saquinho de brinquedos, de Maria Emília; e da assinante n.º 100 uma carta com 50\$, perguntando se queremos roupas. Temos necessidade de tudo e de roupas também. E ainda uma carta, depositada na nossa mão, por Heróclia Almeida Pereira, em cumprimento de uma promessa — última vontade de sua mãe.

Bem; temos, ainda, os que nos ofereceram bolos e doces: Confeitaria Arcádia, 5 deliciosos bolos-reis; Confeitaria da Batalha, 100\$ e bolos também; Confeitaria Costa Moreira, 5 bolos muito bons; Confeitaria Primor, um grande bolo «formato especial».

Mas além destes — tão pontuais no cumprimento do dever de ajudar os outros — outros fizeram chegar às nossas mãos quase todas as espécies de géneros. Temos ainda os nossos habituais subscritores e todos os que se resolveram inscrever-se, e que merecem ser lembrados. Pois é com estes que mais contamos...

Amigos, temos Pobres na nossa Conferência com necessidades de toda a espécie:

Se são doentes, precisam de roupas e medicamentos e dinheiro. Se famílias cujo passado não foi bom, agora vivem rodeadas de filhos sem terem posses para os sustentarem e de lhes darem tudo o que lhes é essencial; precisam de roupas, pão, medicamentos, dinheiro, etc. Se velhas, não podendo trabalhar, precisam ainda de maior amparo — para evitarmos a mão estendida à mendicidade...

Sei que muitos vão já tratar de se inscrever como Subscritores. Por isso, vos digo que entre o número dez e o cinquenta há uma média de vinte vagas.

Não pensem que estou a pedir a vossa ajuda para me safar, porque eu também pago 5\$00 por mês...

Não se esqueçam de enviar o vosso nome, morada, quantia mensal...

Mais uma vez obrigado a todos os que se têm lembrado de nós.

José Maria Cunha

## Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

O QUE RECEBEMOS — os nossos leitores são uns grandes companheiros de jornada! Aí vão quantos e como se apresentaram:

Abre uma Vicentina de algures, cujo cartão é uma oração — de princípio ao fim. Pena não termos espaço para transcrevê-lo. Mandou 100\$ para o almoço de uma família pobre, no passado domingo, dia 6, aniversário do seu casamento.

Mais uma presença da Rua da Conceição — Porto. E mais Porto, Rua Costa Cabral. E ainda mais Porto, a nossa grande amiga «Viúva do Porteiro». A assinante 17022, presente com a migalha do costume. De Lisboa o remanescente do pagamento da assinatura do Jornal; é da Avenida Madame Curie. Mais Porto com outro remanescente, de uma amiga da Rua das Flores. Mais sobras do Jornal, de Aveiro. E 100\$ de Lisboa «em virtude dum promessa». E mais 20\$ do Porto — Rua Santos Pousada. Metade de Belas, assinante 31316. Aparecem agora as alunas do Ciclo Complementar e da Escola Feminina de Figueira de Castelo Rodrigo com 40\$. E mais uma presença de Aveiro, que dividiu o bolo também pelo Património dos Pobres. Mais 40\$ da assinante 17022. Tão perseverante! Mais 100\$ de «Duas Irmãs M. V.», de Lisboa. Cinquenta escudos das Caldas da Rainha,



Cont. da PRIMEIRA página

ciã entre cá e lá e o envio de uma ou outra encomenda em ordem à satisfação de necessidades ocasionais. Sucedeu assim há dias. De Malanje mandaram-nos pedir alguns livros de estudo, por lá se encontrarem esgotados. Logo providenciámos no sentido de os obter aqui e de os despachar pelo correio. Eis que logo exigem o preenchimento de dois impressos, com dizeres em português e francês, uma «Declaração para a Alfândega» e um «Boletim de Expedição». Fica uma pessoa assim meia perplexa com o significado de tais exigências e sem perceber bem o significado de tantas burocracias, posto que, para mais, num dos impressos referidos, se fala em «País de origem» e «País de destino»... Com

franqueza, Angola não será Portugal? Rir-nos-famos apenas do acontecido se tal não fôsse um dos muitos sinais que denotam uma flagrante e deletéria contradição entre as palavras e a vida. Há ainda muita necessidade de vassoura para limpar as teias de aranha que nos enleiam e complicam o dia a dia...

x x x

A nossa festa já está marcada para 11 de Maio, às 18 h. e 30 m., no Monumental. É a festa das nossas «Bodas de Prata». Dentro de pouco tempo estarão à venda nos locais costumados os bilhetes. Cautela com os atrasos, para não suceder o mesmo que se passou no ano transacto.

Ele há coisas que o Mundo tem por pequeninas, mas que nos compensam extraordinariamente e nos dão alento para as dificuldades do dia-a-dia, para as incompreensões e injustiças que, momentaneamente, tendem a abater-nos. «Como a Família é verdade!»

O Natal trouxera o habitual cromo de boas-festas com meia dúzia de dizeres autógrafos. Correspondi e reclamei: — Tenho fome de notícias mais abundantes, mais substanciais.

Ele foi e será sempre nosso. Uma vez, já casado, veio aí e, no decorrer da conversa, de lágrimas nos olhos, cercando com o olhar e o gesto o nosso pequenino mundo, disse-me: — Olhe que isto também é meu!

Uma reivindicação de posse, equivalente a uma declaração de amor!

A vida levou-o a França.

Raro lhe escrevo e ele compreende, «pois a nossa Casa já há bastante tempo atingiu a maioridade e nós somos muitos a lutar na vida e todos precisamos das suas palavras, que nos fazem bem.»

# Cartas à Família dispersa

E acrescenta, a saciar a minha fome, como quem faz um relatório:

«As minhas notícias, ou melhor as dos meus são todos os dias simples, mas é com grande alegria que faço contas rápidas:

1.º - Em Janeiro, já de 70, com grande força de vontade deixei de fumar, e até à data de hoje não fumei mais nem um cigarrito.

2.º - Em Abril do mesmo ano, tive um desastre com o carro onde iam todos, mas graças a Deus não houve nada de grave a não ser de chapas.

3.º - Em Maio também de 70, o meu rapaz mais velho fez a primeira comunhão, aqui na freguesia de Glenay. Em Julho fez também a confirmação, mas

em outra freguesia, pois juntaram umas poucas, para que o Representante do Sr. Bispo não andasse por todas as freguesias. 4.º - Em 13 de Outubro de 1970 fui contemplado com mais um filho que pesou à nascença 4,350 kg. Forte, mas não sólido, pois tem pouca saúde, mas com Deus lá vai indo.

5.º - No dia 8 de Dezembro, ainda do mesmo ano, foi o baptizado do recém nascido, pois foi assim um pouco tarde não por descuido, mas o senhor padre esteve hospitalizado, e nós tivemos de esperar.

Assim fechou o ano de 70. Por vezes as coisas não correram como nós queríamos, mas graças a Deus bom para nós.

Filhos: não nos têm criado grandes problemas, apesar que

pensam, por os franceses, de um pouco de ricos, porque a cada passo dizem: «fulano anda assim, sicrano anda assado». Diz o ditado: «Do povo à terra onde fores ter faz como vires fazer.» Resumindo: filhos, graças a Deus, não nos têm causado problemas pois ainda são novos, e ainda temos que esperar que eles cresçam. A mais velha faz agora 14 anos.

Sempre o nosso problema: o filho mais novo, dias melhores, dias piores.

Em Agosto deste ano meu pequeno Carlos foi hospitalizado devido a diarreia e vomitar. Esteve 13 dias no Hospital do Distrito a 75 Km de nossa casa. Tirei as férias e todos os dias lá iam: 150 Km por dia. Ainda bem a caixa pagava a sua parte e a caixa que eu tenho na fábrica pagou o resto do hospital. A nossa conta só foi a gasolina do carro. Agora ele vai bem graças a Deus, melhor que antes.

Escola ano 71-72 — todos os 4 mais velhos fazem a escola. No 1.º trimestre a minha filha mais velha, de 43 alunos, todos franceses, ficou em 1.º. O Director flartou-se de a gabar. Nós vamos com ela até onde as nossas possibilidades derem. Os outros lá andam também, embora mais fracos.

Depois do nosso encontro nunca mais fomos a Portugal. Talvez este ano nós iremos, mas ainda não é oficial. Nossa vida tem corrido mais ou menos. Temos também recebido o nosso Gaiato, lido todos, ou sejam todos os 3 mais velhos que sabem ainda ler Português. Te-

nho também a dizer-lhe que tirei carta de Ligeiro e de Pesado. Antes trocavam cartas estrangeiras por francesas; depois o Ministro dos Transportes mandou suspender, e foi nessa altura que o meu patrão disse para todos os seus motoristas tirarem cartas de pesados, e foi nessa altura que tirei as minhas. Agora, depois do mês de Novembro o Ministro deu ordem outra vez para trocar.

E pronto Senhor padre. Por hoje é tudo. Cumprimentos a todos nossos de nós todos Carlos, Duarte, Laura, Francisco, Fátima, Maria e Arnaldo. N. B. — Desculpe ir mal escrito e muitos erros, mas a língua já se vai misturando.

Obrigado, Senhor, por esta irrecusável confirmação do que, algumas vezes, nos parece haver razões para duvidar: Como a Família é verdade!

Estes serão os raros na multidão dos nossos...!

Ainda assim são tantos!!



O filho mais novo.

## CAMPANHA DE ASSINATURAS

# Novos Leitores

Apetecia-nos repetir aquela feliz expressão de Pai Américo: — a procissão continua! Sem arrefecimento, sem cansaço — com alegria!

São Pais que motivam os Filhos:

«Para constituir prenda de Natal ao meu filho, muito agradecia o consideras e assinante do quinzenário «O Gaiato»...»

É de Salgueiro — Costa do Valado.

E mais de Canelas:

«Gostaria que registassem uma assinatura do Jornal «O Gaiato» em nome de meu filho Jorge...»

Que a Divina Providência não abandone nunca a V/ Obra, em tão boa hora criada pelo Padre Américo...»

Ficamos radiantes por gente nova — de sangue novo. Ainda por serem os próprios Pais a confiar nos filhos o gosto pelo pequenino revolucionário. Que bem!

E esta proveitosa confissão de uma Maria de Viseu?!

«Por meio do vale X envio 500\$, que é a minha contribuição anual e mais 50\$ para que me considereis as inante do vosso «O Gaiato».

Conheço-o desde os meus bons tempos de universitária e já lá vão uns bons par de anos. Compro-o sempre que o encontro. Lido-o quando deparo com ele. E pesa-me a consciência de nunca me ter feito as inante. Hoje venho dizer «mea culpa»...»

Só no «Famoso» são possíveis estes desabafos!

Agora, temos um leitor de

Lisboa, com tema oportuno. Ouçamo-lo:

«M... comunica que aprecia imenso a leitura do vosso Jornal, mas que nem sempre o compra, por não encontrar os seus vendedores. Nesta conformidade, enviei o vale do correio X, aguardando e agradecendo que me enviem regularmente...»

Sim senhor. Bateu no vintel! Mais vale prevenir que remediar. Lisboa é tão grande! Os nossos pequenos vendedores não conseguem chegar a todo o lado... Certo, certo. Venham outros sujeitos à mesma eventualidade!

### ● A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

É uma assembleia numerosa, activa e entusiástica! Lisboa e Porto são forno de calor espiritual. Olhem pra esta tripeira:

«Sou assinante de «O Gaiato» de de o princípio do ano e arranjel mais uma que também quero ser assinante...»

Têm aparecido outras e outros da mesma forma. Mal tomam o gosto pelo «Famoso», não se fecham em casa e despertam amigos ou familiares!

E botem os olhos pró depoimento desta lisboeta:

«Inclusa, envio a quantia de 40\$00 para a minha assinatura e de uma nova assinante, única que consegui arranjar.

Como somos ambas pobres não pudemos, infelizmente, mandar maior importância, bem a meu pesar...»

Oh carta!

Passam, agora, os estandartes de muitas cidades, vilas e aldeias de Portugal. É S. Pedro do Sul, Cête (à nossa porta!), Viana do Castelo, Carreira — V. N. Famalicão (Estaremos aqui no próximo dia 7 e contamos com todos amigos desses lados!), Ilhavo (estamos em Aveiro dia 17...), Póvoa de Varzim, Anta (Espinho), Braga, (aqui estaremos dia 9...) S. Pedro d'Alva, Moita dos Ferreiros (Lourinhã), Coimbra um ror deles? S. Paio de Oleiros, Trofa, S. Cristóvão de Muro, Gueifães (Maia), Lourosa (Vila da Feira), S. Mamede de Infesta, Sepins (Cantanhede), Óis da Ribeira (Águeda) Parede, Esposende, Arcozelo (Granja), Mesão Frio e Vilar Formoso. Tantos novos leitores!!

### ● ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

O Ultramar despertou mais um bocado! De Lourenço Marques, Padre José Maria manda uma série de novas assinaturas, da princesa do Índico. E da Costa Oriental, ainda temos presenças de João Belo.

Da costa ocidental, o caudal vem de Luanda. A capital... E outros de Nova Lisboa.

Vários núcleos de portugueses espalhados pela estranha são autênticas fornalhas de entusiasmo! Desde a América do Norte, passando pela França e Alemanha, até à África do Sul. Temos presenças de Stoughton Mass. — U. S. A. («a leitura de «O Gaiato» tão simples e tão rica constitui sempre um bálcamo consolador para as amarguras que nos atormentam...»), Deux Sevres — França, Mónaco, Singen — Alemanha e Joanesburgo — África do Sul.

Um mar de gente! Demos graças a Deus.

Júlio Mendes

## TRIBUNA de Coimbra

Festas. Começam a ser tema comum da vida em no sa casa. As do Norte já foram anunciadas. Terminadas estas começarão as do Centro. Para já só está marcada a de Coimbra, que será em 12 de Abril.

No Centro, se pudermos, repetiremos a romaria do ano passado: Coimbra, Anadia, Cantanhede, Figueira da Foz, Marinha Grande, Leiria, Pombal, Tomar, Avelar, Lousã, Arganil, Lagares da Beira, Seia, Guarda, Covilhã, Fundão e Castelo Branco. Se outras terras chamarem por nós, e pudermos, iremos.

Não faço bem ideia do que irá sair mas, um dos responsáveis, outro dia, atirou-me à cara: Não ande aflito; vai ver que gosta. Calei-me e tenho de gostar mesmo.

Ouvi dizer que o Joãozinho (uma est-ela dos últimos anos) quer escolher o seu papel: é tèle sèle o tão. O Joãozinho quer ser o cão. Vamos, pois, ter um cão preto. Mas preto ou branco

pouco importa, visto sermos da mesma raça.

Todos eles querem ser coisas grandes. Todos querem fazer papeis importantes. Todos querem ser os melhores. As festas têm «te condão. Os rapazes encontram-se a si próprios. Descubrem, no lixo que a sociedade julgava ser, tesouros valiosos para a construção da sua personalidade.

A assistência das nossas festas também se valoriza. Todos saem mais ricos. Há pessoas que nunca tinham encontrado os outros e... choram de alegria. Por isso, as nossas festas são tão desejadas!

Padre Horácio





# VISTAS DE DENTRO

Aconteceu-nos uma epidemia de papeira. Muito sem importância quanto à intensidade, graças a Deus; mas extensa, como é de esperar de um mal contagioso em uma comunidade aberta como a nossa.

Como o hospital está em obras e não pode servir, houve que mobilizar-se o rés-do-chão da Casa 2. E foi lotação esgotada e acrescida pelas camas que houve de levar para lá.

Muitas prevenções quanto a visitas, por causa do contágio — com certeza bastante ineficazes sem uma sentinela permanente à porta. Em todo o caso «Faisca», querendo colaborar, resolveu pintar um cartaz com uma cara muito engordada no pescoço — e a legenda:

«PROIBIDA A ENTRADA Rapazes com papeira.»

Espera-se que, pelo menos, tenha servido para afugentar os visitantes de fora, que na bela tarde de ontem aí abundaram!

x x x

«Faisca» tem muito jeito para desenho, mas, ou por falta de imaginação criadora, ou por preguiça de puxar por ela, dá-se sobretudo a copiar. São albuns e albuns e albuns, feitos nas suas horas livres, sempre ocupadas com este inofensivo «hobby».

É um rapaz permanentemente bem disposto. Ele e a tristeza são incompatíveis. De espírito bastante infantil, naturalmente acompanha bastante a miudagem. É mesmo o Chefe tradicional da televisão dos mais pequenos.

Há momentos apareceu-me no escritório. Eu, apouquetado com escrever pró Jornal, que o pouco cuidado de todos os nossos padres menos dois deixa demasiado sobre os de Paço de Sousa, pedi-lhe uma história de Rapazes que tivesse graça e lugar sob esta epígrafe.

«Faisca» não se faz rogado. Contou logo uma anedota.

— Mas olha lá — disse-lhe — essa é mesmo dos nossos Rapazes?

— Não é, mas não faz mal, podia ser...! Escreva-a lá!

Ora eu não escrevo. Quero ser honesto e contar factos «históricos» cá de dentro, não histórias de ficção.

E aproveito para recomendar ao «Faisca», que mais vale experimentar a sua imaginação criadora ao serviço do talento

plástico, que, inegavelmente, possui.

x x x

Da Lavoura, vieram dois postais para assinar a nível de directoria.

**Destinatário:** Sr. Intendente da Percuária do Porto.

**Assunto:** Participar que «a novilha «Laura» teve o seu primeiro parto em 30/12/71»; e «a novilha com o n.º 353 - P25, teve o 1.º parto em 24/1/72».

Uma categoria! O bom sucesso das nossas vacas nas bocas do mundo!

E foi o que valeu, o postalzinho anunciador do nascimento de hoje, porquanto ainda ninguém me dissera nada!

x x x

A papeira, depois de uns dias de tréguas, voltou à carga.

Como já perdemos a ilusão de que se safem dela a não ser os que estiverem naturalmente imunizados, a malta tem fi-

cado nas próprias casas onde se erijiu uma camarata em enfermaria.

As baixas vão-se sucedendo rapidamente e sem comunicação às esferas intervenientes, uma das quais é a da distribuição da merenda. Esta funciona assim: O padeiro tem um saco para cada sector de trabalho e a lista dos componentes do respectivo sector. A hora própria, mete em cada saco tantos moletes quantos os Rapazes de cada grupo e envia-o, de modo a que a vida não pare enquanto se trinca o pãozito.

Ora o «Espanhol» cafu à cama, não disse nada ao padeiro e... já se sabe! — a sua merenda foi na saca do costume.

Eram quase 7 horas da tarde quando me chega um estafeta com o seguinte bilhete:

«Senhor Padre eu hoje não tive merenda. «Espanhol».

Se pode mandar um bocado de broa e sêmea.»

Ora aquelas horas, quase de jantar, o que lhe mandei foi a

resposta de que «corpo deitado aguenta muita fome».

E aguentou!

x x x

Mas as queixas não param. Ontem, estava eu para sair ao Porto, chegou-me um mensageiro:

— Os doentes da casa 4 de cima, pedem que vá lá.

— Não posso. Não vês que vou sair...?

O que querem eles?

— E que não tiveram manteiga ao café.

Aquilo, ou foi o servente que se esqueceu, ou foi alguém que lhe chamou um figo!

x x x

Quando lhes dá para aí, os nossos Rapazes são formidáveis.

Ainda um dia deste o experimentei e a propósito, até, de procedimentos de sinal contrário!

Foi o caso que dei com uma série de lixeiras no caminho da lixeira. É a lei do menor esforço. Chega-se ali ao dantinho mais próximo, olha-se e, se ninguém vê, faz-se o despejo ali mesmo. Uma vergonha!

Houve de decretar-se que naquele dia os das limpezas das casas não almoçavam sem por todo o lixo na lixeira, afinal a única. E convidaram-se voluntários, talvez também com algumas culpas, a darem uma

ajuda após a refeição.

Pois foi um regalo! Todos, réus e voluntários auxiliares, deitaram-se à obra com decisão e fizeram mais e melhor que eu tinha exigido!

x x x

Fico todo contente quando o Júlio me pede que reveja o programa de Tecnologia que está sendo ministrado nas nossas Escolas Gráficas. Já que não posso mais nem melhor, alegra-me toda a pequena participação que me é permitida num esforço tão grande, tão sério, que nem os destinatários dele são capazes de o perceber, senão mais tarde, quando a vida os provar.

Tratava-se de normas fundamentais a ter em atenção ao compor uma língua estrangeira, que se não domina.

Tem graça que nessa mesma semana, outro nosso, já empregado fora, me dizia da dureza do trabalho daqueles dias a compor um texto alemão, «sem perceber patavina».

— Se nós tivéssemos tido o que estes agora têm...!

Pois alegrem-se os antigos pela melhor aprendizagem que se oferece aos novos. E aceitem-na estes, aproveitem-na em pleno, não como quem nos faz um favor, mas como quem tem consciência da oportunidade de enriquecimento que lhe é posta nas mãos.

## AGORA

Longo silêncio que não significa paragem. Enquanto andei por África, não cessaram de aparecer nem as presenças habituais dos que replantem, nem as dos que pedem a nossa mão. Ainda não fora oportuno reaparecer nas colunas, como ainda não foi possível atender os muitos que esperam de nós uma resposta construtiva. Qual será o saldo?... Nem eu o sei! Mas ao olhar o volumoso do sier de cartas que Manuel Pinto está preparando para despachar, tenho fortes razões para temer que o rio seja mais caudaloso que a nascente e que não possamos arrumar vidas quando nos deitarmos à obra — tarefa que queria cumprir antes da romaria das nossas Feitas e para a qual é preciso um pedacito de coragem.

Vim encontrar algumas presenças novas. Mas o forte continua daquelas origens longamente conhecidas, às quais nos liga já bastante afecto, posto só por carta conheça a maior parte destes nossos habituais correspondentes.

Vamos, pois, a esta safada da Procissão, organizada segundo os pendões do costume.

**Avulsos** — Incluo nestes, alguns que falam em aparecer mais vezes, por não mais ver

sinal seu depois da primeira vinda.

Assim da Covilhã, 500\$00 e:

**Penho contribuir todos os meses com uma quantia e gostaria que fosse destinada à construção duma casa ou coisa semelhante, que eu soubesse que tinha ido até ao fim com o meu esforço. Mas isso é orgulho, porque a minha dádiva ficaria amarrada aos meus caprichos e vocês podem ter necessidades maiores noutros sectores. Portanto apliquem essa mensalidade onde melhor vos aprover, pedindo a Deus que a minha família, seja um exemplo de família de Nazaré, em humildade, ternura e amor.**

**O vosso jornal que é lido avidamente na minha casa, tem sido um grande estímulo na minha vida.**

**Que Deus seja louvado.**

Ora assim é que é falar!

De Alda, do Ribatejo, só encontro uma presença natalícia, aliás aumentada em razão da época, mas com outra finalidade também.

100\$ e «Santas e alegres festas» 20\$ e «Pedi a Deus que M. deixe o vício de se embriagar». Dez vezes mais de J. Belo. Três ajudas de 20\$ no **E pelho da Moda para um telhado.** 450\$ de alguém de

Penhalonga, que foi para África. 2053\$00 dos «Bairristas do Palácio» na sua visita anual.

Mutuali (Moçambique) com 100\$. 2.500\$ de uma Professora: «Contribuição que Deus me ajude a manter». O dobro de «um admirador da vossa Obra a favor de uma sociedade melhor»; e agradeço ao Senhor a graça de me ter dado esta oportunidade.

50\$, terça parte de uma presença da Guarda. «Uma serra» com o quádruplo. 20\$ do R Francisco de Borja. A «Mãe que crê em Deus» não se cansa de nos visitar com o seu amor. E. Melo — Lisboa, com 100\$. Duas vezes 100\$, com o pensamento na família que habita a **Casa Ouvi-me Senhor**, e com muita amizade por todos nós.

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira 3814\$10. Mil de um anónimo. Outrotanto de Henrique de Carvalho — Angola. Assinante 17704, com 20\$. 300\$ de J. L. Sousa. A parte de 250\$, a distribuir também por Casa do Gaiato e Calvário, o que, aliás, acontece com vários outros donativos. 200\$ de Emília, que nunca esqueceu a «campanha dos 30.000 x 20\$ = 50 cartas». Bem merece que a recordemos nas nossas orações, tal como pede. E 12 contos depositados no **Espeelho da Moda para as Confe-**

rências, que, como o placet (creio que sim!...) dos confrades, se deitou a casas.

Vêm agora os das Casas para que vários concorrem: Poucos e os mesmos de sempre. Para a Casa de N.º S.º do Carmo 50 + 240\$. Para a «Sonhada Casa do Licenciado» duas vezes 150\$.

A seguir, um grupo que só por saudosismo mantemos, pois, para sermos coerentes com a doutrina a respeito das placas com nome, não haveria razão de conservar: **os das Casas por inteiro.**

30 contos de Maceira, com o desejo de que «à mesma fosse dado o nome de S.ta Teresinha do Menino Jesus, caso isso fosse possível». Mais 20 deles, de um Anónimo. Mais 12 e «muita compreensão dos «Pequenos Auxílios» e liberdade os usades como entenderdes». Outros 12 de L. F., do Porto, «pedindo o favor de não se esquecer dos meus nas suas orações». É pai de muitos filhos. E não é primeira nem a segunda vez que apareceu.

E finalmente, 50 contos que vieram de V. N. de Gaia, «pelo muito amor que tenho à vossa Obra» — e nós destinámos ao Património dos Pobres.

Tenho de ficar aqui, que este já vai longo. Ficarão para a próxima saída, os Pessoais, os de todos meses e os das casas a prestações.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES  
DA T. A. P. PARA ANGOLA E  
MOÇAMBIQUE

Visado pela  
Comissão de Censura

